



ESTUDOS DA CNBB 44 – PASTORAL DA JUVENTUDE NO BRASIL: MEMÓRIA, COMPROMISSO E ATUALIZAÇÃO TRINTA ANOS DEPOIS!

(CNBB Studies 44 – Youth ministry in Brazil:
memory, commitment and updating thirty years later!)

Emerson Sbardelotti

Mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)
E-mail: sbardelottiemerson@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é manter viva a memória e o compromisso proposto pelos Estudos da CNBB 44 – *Pastoral da Juventude no Brasil*, fazendo uma atualização das tarefas que foram cumpridas e outras, que 30 anos depois ainda estão inacabadas. A história não se repete. Ela evolui. O importante é que o jovem aprenda a viver com imensa alegria e vontade todos os momentos oferecidos, celebrando cada conquista, cada vitória e também cada tropeço e derrota. 30 anos depois dos Estudos da CNBB 44 – *Pastoral da Juventude no Brasil*, continua atual em muitos aspectos, o principal deles: a profecia. A PJ é a maior escola de formação de profetas e profetisas do Reino que a Igreja possui. E disso ela não pode abrir mão.

Palavras-chave: Estudos da CNBB 44; Pastoral da Juventude; Memória; Compromisso; Atualização.

ABSTRACT

The purpose of this article is to keep alive the memory and the compromise proposed by the Studies of CNBB 44 - *Youth Ministry in Brazil*, upgrading the tasks were fulfilled and others, that 30 years later are still unfinished. History does not repeat itself. It evolves. The important thing is that the young learn to live with great joy and will all offered moments, celebrating every achievement, every victory and every stumble and also defeat. 30 years after the studies of CNBB 44 - *Youth Ministry in Brazil*, is still present in many ways, chief among them: prophecy. The PJ is the largest training school of prophets and prophets of the Kingdom that the Church has. And that she can not give up.

Keywords: CNBB Studies 44; Youth Ministry; Memory; Commitment; Update.

INTRODUÇÃO

Revisitar os Estudos da CNBB 44 – *Pastoral da Juventude no Brasil*, é manter viva a memória e o compromisso com as causas do Reino que não podem jamais sair da agenda de luta da Igreja. Não é saudosismo, mas um beber da fonte. Nas décadas de 1980 e 1990, em nível de Brasil e América Latina, a Pastoral da Juventude conseguiu sistematizar um único modelo libertador de evangelização da juventude, partindo de uma prática real nas Comunidades Eclesiais de Base onde estava inserida, da leitura dos documentos do CELAM e da CNBB. Na década de 2000 em diante, tal modelo foi sendo abandonado por grande parte



da hierarquia da Igreja, que acredita e divulga que a Pastoral da Juventude é uma pastoral mais política do que social, que não reza, que não tem mística e nem espiritualidade¹, que não sabe dialogar. E isso não é verdade. A leitura dos Estudos da CNBB 44 mostrará a qualquer pessoa que não conheça a história da Pastoral da Juventude que não é bem assim como andam espalhando.

Antes a Pastoral da Juventude era considerada a pastoral oficial da Igreja, responsável por toda a evangelização da juventude, tarefa esta que era impossível de ser realizada, até porque há inúmeras juventudes dentro da Igreja, sendo necessário para isso um acompanhamento especializado. Hoje, a Pastoral da Juventude tem acompanhado os pequenos grupos de jovens das Comunidades Eclesiais de Base, dando a ela um fôlego maior para poder se concentrar, acompanhar, fortalecer sua identidade e mística, tirando de suas costas a cobrança da evangelização global da juventude.

A Pastoral da Juventude por estar na estrutura da CNBB, por isso na estrutura das dioceses, sempre, assim como as demais pastorais sociais, fica dependente do apoio das dioceses onde atuam, pois nasceu a partir dos pequenos grupos nas paróquias; ao contrário dos movimentos eclesiais que possuem estruturas de apoio em nível internacional e nacional garantindo uma independência maior da Igreja local, trazendo ou não problemas para a própria Igreja local. Sem o apoio das dioceses a Pastoral da Juventude corre o risco de desaparecer. A decisão de uma diocese de não investir na Pastoral da Juventude poderá levá-la à morte, principalmente naquelas dioceses onde a Pastoral da Juventude está em crise ou se encontra enfraquecida. A Pastoral da Juventude não está sendo combatida, mas, o que é pior, ignorada. Se não há investimento no fortalecimento das estruturas de acompanhamento dos grupos de base, da formação de novas lideranças e assessoria, uma parte da vida da Igreja deixa de existir, pois, se a Igreja não fala mais da Pastoral da Juventude, ela morre. Quando acaba a Pastoral da Juventude numa diocese é muito difícil reerguê-la depois que se perdeu a liderança anterior. Organizar tudo partindo da estaca zero, leva anos de dedicação e assessoria competente, elementos que não se tem encontrado com facilidade hoje em dia em nossas dioceses. Enfim, tudo o que foi dito no último parágrafo acima, contraria o que foi pensado pelos Estudos da CNBB 44.

Reafirmamos, portanto, a importância da releitura e atualização dos Estudos da CNBB 44 para as novas gerações de grupos de base da Pastoral da Juventude, que possam conhecer o material, ler, aprofundar e comparar com todos os outros materiais que foram produzidos, no que se distanciam ou se aproximam. Tarefa que pode e deve ser feita por toda a juventude que está no seguimento de Jesus de Nazaré e que assume sua pedagogia e prática libertadora.

O objetivo deste artigo é manter viva a memória e o compromisso proposto pelos Estudos da CNBB 44 – *Pastoral da Juventude no Brasil*, fazendo uma atualização das tarefas que foram cumpridas e outras, que 30 anos depois ainda estão inacabadas.

¹ Cf. SBARDELOTTI, Emerson. **Mística e Espiritualidade Pejoteira**. Brejo: Pastoral da Juventude, 2016, p. 9; 14: “Mística é o fio condutor, uma linha invisível que une a memória e os sonhos, que une a história e a utopia, que une o passado e o futuro e que faz do presente uma grande festa, uma grande celebração. A mística busca o sentido da vida! A espiritualidade é parte constituinte do ser humano. A espiritualidade é basicamente uma teimosa esperança, uma ardente fé, um amor inflamado que vai em direção à contemplação da compaixão e do cuidado. Nenhuma espiritualidade é autêntica se não se converter em compaixão e cuidado”.



1 A JUVENTUDE SE APRESENTA COMO GRANDE DESAFIO PARA A PASTORAL DA IGREJA

*“A Pastoral da Juventude é a maior escola de formação de lideranças da Igreja”. A afirmação é de Dom Wilson Basso², da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude da CNBB, exaltando a caminhada da Pastoral da Juventude³ em mais de 40 anos de serviços prestados à Igreja no Brasil, feita na abertura do 11º. Encontro Nacional da Pastoral da Juventude ocorrido na cidade de Manaus, no Amazonas, em janeiro de 2015. Neste Encontro, o Papa Francisco⁴ enviou uma mensagem singela, cheia de amor e de esperança, motivando a Pastoral da Juventude a deixarem-se moldar pelo modo de ser do Mestre de Nazaré: “*Meus queridos e minhas queridas jovens, tenho muita esperança em vocês que dão testemunho com as suas vidas desse Cristo libertador. Esse Cristo que “olhou ao jovem com misericórdia e o amou”, a Igreja também ama vocês e por isso os peço que não se deixem abater pelas coisas que possam chegar a ouvir da juventude, em todo tempo histórico se falou pejorativamente dos jovens, mas também em todo tempo foi essa mesma juventude que dava testemunho de compromisso, fidelidade e alegria”*”.*

Há 30 anos os Estudos da CNBB 44⁵ diziam que os documentos de Medellín e Puebla apontam os jovens como *agentes importantes na transformação da sociedade e renovação da Igreja*, porque suas vidas moldam a face do mundo de hoje e de amanhã. Estes Estudos advertiam que nenhuma instituição ou governo pode ignorar as aspirações da juventude por um mundo de justiça e oportunidade nem deixar de escutar o que dizem. Todo esforço para formar uma juventude sadia corresponde à revitalização do corpo social. Continuam válidas todas estas palavras, até porque a juventude não é um corpo estático na Igreja, ela evolui, mesmo quando as aparências mostram uma involução da Igreja, ou uma guinada para um cenário de igreja hierárquico, fanático e fundamentalista. A juventude que nos grupos de base, na militância, na assessoria e no acompanhamento, participa ativamente da Pastoral da Juventude se apresenta hoje como grande desafio para a Igreja e sua forma de pensar pastoralmente, pois, em vários momentos de sua história, precisou se posicionar em lado oposto ao da hierarquia, de lideranças e do senso comum da maioria das pessoas que não se comprometem com uma dimensão sócio-política da fé, mas que participam das paróquias e da sociedade em geral, se mantendo contudo, segundo sua experiência profunda do Deus da vida, fiel ao Evangelho. Nesta expectativa o Papa Francisco⁶ conclama: “*Nunca percam a*

² Religioso da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus – Dehonianos. Foi assessor nacional da Pastoral da Juventude do Brasil, no Setor Juventude da CNBB, de março de 1994 a fevereiro de 1998. Bispo da diocese de Caxias, no Maranhão.

³ Tradicionalmente a sigla para a Pastoral da Juventude é PJ. Esta será usada quando necessária neste artigo.

⁴ FRANCISCO. **Mensagem à juventude reunida no XI Encontro Nacional da Pastoral da Juventude em Manaus, Amazonas**. Disponível em: <http://www.pj.org.br/blog/enpj-recebe-carta-papa-francisco/>. Acesso em: 07 out. 2016.

⁵ CNBB. **Pastoral da Juventude no Brasil**. Coleção Estudos da CNBB número 44. São Paulo: Edições Paulinas, 1986, p. 10.

⁶ FRANCISCO. **Mensagem aos jovens reunidos no XI Encontro Nacional da Pastoral da Juventude em Manaus, Amazonas**. Disponível em: <http://www.pj.org.br/blog/enpj-recebe-carta-papa-francisco/>. Acesso em: 07 out. 2016.



esperança e a utopia, vocês são os profetas da esperança, são o presente da sociedade e da nossa amada Igreja e por sobre tudo são os que podem construir uma nova Civilização do amor. Joguem a vida por grandes ideais. Apostem em grandes ideais, em coisas grandes; não fomos escolhidos pelo Senhor para coisinhas pequenas, mas para coisas grandes!”

A juventude não pode ser considerada nunca de modo abstrato, pois sua realidade está condicionada pelo contexto que a cerca. Por isso, a PJ se apresenta como parte da Igreja Povo de Deus, Igreja dos Pobres, com uma opção profética, evangelizadora e libertadora, clara e radical. O resultado disso é a difamação desenfreada que sites e blogs, ditos católicos, na Internet fazem todos os dias para desacreditar o serviço evangélico-pastoral e humanitário prestado pela PJ. Há espaço para todas as experiências que atuam com a juventude na Igreja; infelizmente, o que tem faltado, e muito, é o respeito, o diálogo e o encontro. O passado é inspiração para o futuro. Respeito, diálogo e encontro sempre foram a melhor solução para problemas criados por conta da ignorância, das fofocas e para se encerrar desavenças que não levam a lugar nenhum.

O Documento 85⁷ não deixa nenhuma dúvida quando diz na sua apresentação que:

A evangelização da juventude interessa muito à Igreja e aos seus pastores. Temos um compromisso sério com a formação das novas gerações que, pressionadas por tantas propostas de vida, necessitam de muito discernimento, de coragem, de verdadeiros caminhos e, principalmente, de nossa presença amiga: “Os jovens têm o direito de receber da Igreja o Evangelho e de ser introduzidos na experiência religiosa, no encontro com Deus e no contato com as riquezas da fé cristã.

E os pastores da Igreja têm grande desejo de lhes comunicar a Boa-Nova de Jesus Cristo e de acolhê-los na comunidade eclesial” (Estudos da CNBB, n. 93, Apresentação). Estamos certos de que o presente e o futuro da própria Igreja dependem desta nossa opção “afetiva e efetiva” por eles, como, também, a nossa sociedade progredirá à medida que puder contar com cidadãos verdadeiramente capacitados a testemunhar, defender e propagar os valores do Evangelho, todos eles a favor da vida plena para o ser humano. A busca de unidade de nossas forças eclesiais em vista de um trabalho mais eficiente encontra neste documento as suas linhas gerais e motivações. A diversidade de carismas, espiritualidades e pedagogia de trabalho juvenil é para nós uma riqueza na Igreja de Jesus Cristo. Quanto mais estivermos convencidos do valor da “unidade na diversidade” mais os nossos jovens se beneficiarão, as nossas comunidades se fortalecerão e a nossa sociedade sentirá a força positiva de uma juventude convicta e entusiasmada pelos verdadeiros valores pregados por Jesus Cristo.

O número 36 dos Estudos da CNBB 44 não deixa-nos esquecer que a Igreja não será fiel a si mesma no seguimento de Jesus, se não se *identificar com os pobres*, se não os amar com o amor preferencial de Deus, e se a partir deles não evangelizar toda a realidade. A PJ portanto, quer sempre mais, aprofundar o conhecimento da verdade sobre Jesus de Nazaré, sobre a Igreja e sobre a Humanidade, colaborando com a ação salvífico-libertadora do Mestre na

⁷ CNBB. **Evangelização da Juventude – Desafios e perspectivas pastorais**. Coleção Documentos da CNBB número 85. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 5-6.



construção da Civilização do Amor. Ela assume e dinamiza a cada dia dois objetivos básicos: 1. Ajudar a juventude a transformar-se em Humanidade Nova por meio de uma autêntica experiência do Evangelho. 2. Impulsionar a juventude, na medida que se evangeliza, possa evangelizar e transformar outros jovens dentro de suas específicas realidades de acordo com os valores da ética cristã.

O CELAM⁸ recorda que o Reino de Deus é a Terra Prometida, onde se vive a comunhão com Deus, com os irmãos e com as coisas. A experiência do encontro com Jesus, com seu estilo de vida, com sua pessoa, permite reproduzir formas novas da história do cristianismo. O seguimento de Jesus produzirá em nós vida nova para reconstruir hoje a Igreja como proposta do Reino de Deus para uma ordem nova. Os traços da pessoa de Jesus inspirarão, inspira e inspirará a PJ o aprendizado que consiste no seguimento de Cristo no caminho do tornar-se discípulo, a fim de poder discernir na vida de cada dia a melhor forma de evangelizar neste mundo hodierno. A Pessoa de Jesus de Nazaré é a evangelização do Reino.

O número 47 dos Estudos da CNBB 44 destaca que a evangelização dos jovens terá sucesso à medida que *responda globalmente às necessidades e aspirações dos mesmos*. É importante que o anúncio evangélico e a formação integral não sejam realizados *apenas de forma abstrata*, mas dentro de um contexto vivencial e por meio de paciente e constante acompanhamento.

O Marco Referencial da Pastoral da Juventude no Brasil⁹ coloca alguns desafios para evangelizar os jovens, que por conta da atual realidade brasileira, devem ser levados em consideração:

1. Como potencializar em todos os sentidos (pessoal, social e religioso) a sociabilidade da juventude e canalizá-la para a vivência do testemunho cristão?
2. Como canalizar este valor da juventude para humanizar as relações de trabalho, a convivência social e a organização da sociedade global?
3. Como utilizar a força de viver em grupo dos jovens para realizar melhor sua formação humana e cristã?
4. Como tornar a família e a escola comprometidas com a formação ética, moral e religiosa dos jovens?
5. Como utilizar todos os recursos tecnológicos disponíveis para o trabalho de formação da juventude?
6. Como ajudar os jovens a serem mais críticos e mais ativos na escolha e no uso das opções culturais da atualidade?
7. O que fazer para engajar os jovens nas lutas sociais e nos movimentos de defesa da cidadania?
8. Como despertar os jovens para assumirem um papel ativo na vida política da cidade, do estado e do País?

⁸ CELAM. **Pastoral da Juventude – Sim à Civilização do Amor**. São Paulo: Edições Paulinas, 1987, p. 79.

⁹ CNBB. **Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil**. Coleção Estudos da CNBB número 76. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1998, p. 80-81.



9. Como levar os jovens a uma experiência profunda e comunitária de Deus e da vida cristã?
10. A ética e a moral sexual, apontadas pela Igreja para a vida das pessoas, estão formuladas de maneira a incentivar e despertar a adesão dos jovens?

2 PASTORAL DA JUVENTUDE DO BRASIL – UM JEITO OUSADO E NOVO DE EVANGELIZAR

Num mundo globalizado e globalizante, são poucas as iniciativas ousadas e novas para evangelizar a juventude. A PJ é detentora desta iniciativa, pois a cada década, procura através dos seus grupos de jovens nas Comunidades Eclesiais de Base, através de suas coordenações paroquiais, diocesanas, regionais se adaptar ao processo evolutivo sociocultural, político-econômico e religioso da qual faz parte.

Sua história e o seu serviço prestado à Igreja e ao Povo de Deus é longa, permeada de conquistas e fracassos, sem nunca deixar cair a profecia.

O número 27 do Documento da CNBB 85¹⁰ diz que:

Para efeitos de políticas públicas, a idade adotada no Brasil vai dos 15 aos 29 anos, com divisão em subgrupos por agrupamento de interesses e afinidades, caminhando na linha da definição pela necessidade de afirmação dos direitos juvenis. “Trata-se de uma fase marcada por processos de desenvolvimento, inserção social e definição de identidades, o que exige experimentação intensa em diversas esferas da vida”. Já não podemos mais olhar para a juventude como ciclo de breve passagem para a vida adulta. O período da juventude se alongou e seu transformou, “ganhando maior complexidade e significação social, trazendo novas questões para as quais a sociedade ainda não tem respostas integralmente formuladas”. Desse modo, incluir os jovens na Igreja, hoje, significa olhar para as múltiplas dimensões em que eles estão inseridos. Para, a partir daí, tratá-los como sujeitos com necessidades, potencialidades e demandas singulares em relação às outras faixas etárias. A juventude requer estrutura adequada para seu desenvolvimento integral, para suas buscas, para a construção de seu projeto de vida e sua inserção na vida profissional, social, religiosa etc. Tão importante, também, é olhar para a juventude conforme sua diversidade, “segundo as desigualdades de classe, renda familiar, região do país, condição de moradia rural ou urbana, no centro ou na periferia, de etnia, gênero etc.; em função destas diferenças, os recursos disponíveis resultam em chances muito distintas de desenvolvimento e inserção”.

Olhar para a juventude conforme sua diversidade, respeitando suas diferenças e suas características. Cada geração tem algo a ensinar para a próxima e também aprender. Mesclar informações de uma geração com a outra é importante para o desenvolvimento humano. Didaticamente as gerações são nomeadas: 1. Geração T – aqueles nascidos no pós-guerra

¹⁰ CNBB. *Evangelização da Juventude – Desafios e perspectivas pastorais*. Coleção Documentos da CNBB número 85. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 23-24.



(1945); 2. Geração B – *Baby-Boomers* (1950-1960); 3. Geração X (1970-1990); 4. Geração Y/Z – *Millennials* – nascidos no *boom* tecnológico que surge a partir do avanço da Internet (1990 – 2010). No contexto de tais gerações foi se gestando uma forma de pensar e agir que desembocou na PJ que conhecemos hoje em dia, principalmente a partir da organização em torno da valorização e defesa dos direitos humanos, das lutas contra os regimes totalitários durante e após a Guerra Fria, pelo fortalecimento da classe trabalhadora, pela criação e manutenção de políticas públicas para a juventude.

Quando *Pastoral da Juventude no Brasil – Estudos da CNBB 44* foi lançado no ano de 1986, o desejo era que o tema *juventude* fosse devidamente aprofundado. O texto foi apresentado e preparado com a participação de jovens de várias partes do país. O conteúdo foi tirado em grande parte dos documentos da CNBB, do CELAM e de encontros da Pastoral da Juventude realizados até aquele ano. Propunha orientações e procurava respeitar a realidade diversificada das regiões do Brasil. Foi com muita esperança no futuro da Igreja de rosto jovem, que este Estudos surgiu, na certeza de que seria útil para dinamizar sempre mais a atuação dos jovens nas Comunidades Eclesiais de Base, sendo fermento evangélico na construção de uma sociedade justa e fraterna. Este Estudo marca o início da articulação nacional da Pastoral da Juventude no Brasil, resgatando todo o processo de gênese da PJB e norteando sua ação durante todo o restante da década de 1980. Sua leitura, nos dias atuais e dentro deste cenário de Igreja, se faz urgente e necessária para se retomar a direção perdida.

Flávio Munhoz Sofiati¹¹ diz que:

Pelo fato de assumir as diretrizes de ação evangelizadora da CNBB, a PJB é compreendida como um segmento da juventude católica. Nesse sentido, uma de suas principais metas é organizar os jovens para assumirem o ponto de vista da IC no Brasil. [...] A IC possui em seu interior vários agrupamentos, sendo que a PJB está ligada à Teologia da Libertação (TL), que se originou na América Latina a partir da convergência das mudanças internas e externas sofridas pela instituição católica no final dos anos 1950. A TL tem como perspectiva interpretar a realidade latino-americana à luz do evangelho, utilizando temas e conceitos materialistas, além de fazer a “opção preferencial pelos pobres”, isto é, uma escolha política pautada pela noção de classe social. [...] Podemos afirmar que a PJB é a reatualização de uma corrente histórica da IC que teve seu início nos anos 1950 com a Ação Católica Especializada, que contribuiu para o surgimento da TL e, nos dias de hoje, está presente nas pastorais sociais. [...] Na segunda metade da década de 1990, a PJB passa a assumir várias características presentes no modelo *pentecostal* ou *carismático* de igreja. Dentre essas características está a ênfase na formação voltada para a dimensão da espiritualidade. Essas mudanças também foram predispostas por acontecimentos na sociedade. Na década de 1980, a forte presença dos movimentos sociais e da participação popular influenciou diretamente a PJB, que privilegiava em sua formação o aspecto político da religião. Nos anos 1990, com a crise desses movimentos e da participação da sociedade civil nos acontecimentos públicos e o advento de valores ligados ao neoliberalismo e a pós-modernidade, que enfatizou a

¹¹ SOFIATI, Flávio Munhoz. *Juventude Católica – O novo discurso da Teologia da Libertação*. São Carlos: EduFSCar, 2012, p. 18-19.



noção de individualismo, a PJB redireciona sua formação, buscando um equilíbrio entre o aspecto espiritual e político, porém, com predominância da espiritualidade caracterizada pela ênfase na formação bíblica e litúrgica. [...] A interpretação do processo de formação da PJB, seus métodos pedagógicos e suas opções políticas possibilitam o entendimento do que representa o modelo da IC, fundamentado pela TL, no contexto religioso e social nacional.

Trinta anos depois, podemos afirmar, com pesar, que pouco se avançou na construção da sociedade justa e fraterna e na civilização do amor. Até onde se avançou, se tem sofrido um retrocesso. É preciso lembrar sempre que é preocupante a crescente onda de fanatismo e fundamentalismo em setores da Igreja que se colocam contrários à ideia de uma Igreja dos Pobres, à Teologia da Libertação e por isso, à PJ.

No entanto, há pistas pastorais que nascem de uma atenciosa leitura dos *Estudos da CNBB 44*: 1. Voltar às fontes: apresentar a quem está chegando na caminhada estes Estudos, a opção pelos jovens feita em Puebla. 2. Voltar às bases, para fortalecer os grupos de jovens que estão nas comunidades. 3. Atualizar o axioma “*Jovens evangelizando outros jovens*”, usando instrumentos pedagógicos atuais de acordo com cada realidade. 4. Criar uma ponte entre assessores que estão nas paróquias e assessores que estão em outras instâncias e que optaram radicalmente pelo serviço à juventude; todos devem ajudar. 5. Manter viva a chama da Teologia da Libertação a partir da opção pelos pobres. 6. Trabalhar a pedagogia, a prática libertadora, a centralidade de Jesus de Nazaré no processo de educação da fé. 7. Não deixar a profecia cair.

O que identifica de fato a PJ, seguindo os passos do Mestre de Nazaré, é o relacionamento de irmãos e irmãs, que confrontam a vida com o Evangelho e a partir daí formam lideranças jovens que irão atuar nas Comunidades Eclesiais de Base e na sociedade. Tudo isso nasce nas reuniões dos pequenos grupos de base. Com tantas ofertas de lazer hoje em dia, é gratificante encontrar pequenos grupos de jovens que se reúnem para debater, discutir sobre a realidade brasileira, sobre diversos problemas, inquietações, ou simplesmente revisarem suas vidas juntos. Ao optar pelos jovens empobrecidos, a PJ não opta por uns contra os outros, mas opta por uns em favor de todos. E faz isso a partir de uma espiritualidade que consiste na experiência de Deus através da Pessoa de Jesus de Nazaré. É uma espiritualidade verdadeira pois está pautada na Bíblia, porque faz a ligação fé e vida, a ponte entre oração e ação. A PJ aprofunda a espiritualidade no seguimento de Jesus de Nazaré a partir de temas essenciais para a sua caminhada: 1. Deus, como absoluto da vida; 2. O Espírito Santo, como fonte para toda ação transformadora; 3. O seguimento de Jesus de Nazaré; 4. A Opção pelos Pobres; 5. Os valores do Reino: amor, liberdade, justiça, cruz, perdão, verdade, misericórdia; 6. A oração em suas dimensões pessoal, comunitária e social; 7. Maria: modelo dos cristãos, serva de Deus, servidora da humanidade. 8. Músicas da caminhada. É mentira afirmar que a PJ não reza e não tem espiritualidade. Sua espiritualidade segue a dinâmica das primeiras comunidades cristãs, das CEBS, de se reunir em pequenos grupos. O grupo de base é o alicerce da PJ. Sem o grupo de base toda a estrutura desmorona e se perde. É no grupo de base que a PJ constrói o seu jeito novo e ousado de evangelizar a juventude, pois utiliza planejamento pastoral, a Leitura Orante da Bíblia, o método da Ação Católica e da Igreja Latino-Americana conhecido como *Ver-Julgar-Agir*, acrescido pelo *Revisar-Celebrar*. Este



método evita o ativismo e a mera participação de cursos e encontros sem engajamento concreto, garantindo a formação na ação¹². É um método que parte da realidade concreta, conhecida, articulada (coletiva ou pessoal) da vida, da prática concreta para depois confrontar suas conclusões com a doutrina¹³. Em outras palavras, é uma metodologia que obriga a teoria a adaptar-se à realidade dos fatos.

O número 62 dos Estudos da CNBB 44 constata que o uso do método é um avanço, porém, há dificuldades no seu uso, pois o mesmo não deve ser *aplicado de maneira mecânica*, como simples técnica ou como soma de dados isolados. Seu uso inadequado se torna obstáculo para apreender o dinamismo da realidade, interpretar a história e os processos de transformação.

Para a PJ¹⁴ o método ajuda a teoria a adaptar-se à realidade dos fatos:

Dentro da vivência deste método destacam-se cinco passos: (1) o **ver**, como tomada de consciência da realidade com base em fatos concretos da vida cotidiana, buscando suas causas, conflitos e as conseqüências que se podem prever para o futuro. Tem como finalidade uma visão mais ampla, profunda e global; (2) o **julgar**, análise dos fatos e da realidade e da caminhada de acordo com os ensinamentos da fé, dos documentos da Igreja, da Palavra de Deus e das ciências sociais. Possibilita tomar consciência das estruturas injustas da sociedade e das posturas diante da mesma; (3) o **agir**, momento de concretizar, numa ação transformadora, o que se compreendeu acerca da realidade. É o compromisso e a prática. São as decisões quanto ao futuro. Parte das necessidades das pessoas e busca atacar as raízes dos problemas. Faz com que todos participem; (4) o **revisar**, ato de avaliação. Trata-se de verificar o grau de cumprimento dos objetivos e a forma de assumir responsabilidades, de avaliar os avanços, superar as dificuldades e continuar avançando; (5) o **celebrar**, é o momento de festejar e comemorar o processo, o descobrimento da realidade pessoal e social, o encontro e o compromisso pela transformação da realidade. Celebram-se as vitórias, as conquistas e os fracassos, as alegrias e as tristezas, as angústias e as esperanças, a vida do grupo, a penitência e a conversão, a união e a organização.

A dinâmica do método, portanto, não consiste em momentos isolados e não possui uma sequência cronológica; são elementos de um único exercício de avaliação e reflexão da prática. No cotidiano dos pequenos grupos de base vai sendo construído o modo de entrelaçar a ação e a reflexão. São momentos fortes e que se dá o nome de Revisão da Vida e Revisão da Prática. O Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil¹⁵ esclarece:

O Método Ver-Julgar-Agir pode ser entendido como tendo dois momentos: Revisão de Vida (RdV) e Revisão de Prática (RdP). A Revisão de Vida e a Revisão de Prática levam a um novo estilo de vida, levando os grupos à entrelaçada e à conversão. É a vivência do método, tanto na vida pessoal

¹² CNBB. **Pastoral da Juventude no Brasil**. Coleção Estudos da CNBB número 44. São Paulo: Edições Paulinas, 1986, p. 27.

¹³ PASTORAL DA JUVENTUDE. **Somos Igreja Jovem – Pastoral da Juventude: um jeito de ser e fazer**. Brasília: Pastoral da Juventude, 2012, p. 66.

¹⁴ Idem, p. 66.

¹⁵ CNBB. **Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil**. Coleção Estudos da CNBB número 76. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1998, p. 214-215.



como grupal. O método perpassa, assim, a vida dos jovens e dos grupos que as vivem, relacionando reflexão e ação, levando em conta, inclusive, a dimensão pessoal da própria vida (afetividade, sexualidade, relação com a família, vida profissional, vida de fé), atingindo os jovens em todas as dimensões de crescimento humano.

[...] A Revisão de Vida pode ser entendida como incluindo a Revisão da Prática. A revisão é da vida toda: não apenas externa, e não apenas interna. É o instrumento de melhor eficácia no sentido da “formação na ação e pela ação”. Pela Revisão de Vida, o jovem age social, política e religiosamente, procurando transformar o ambiente onde atua, julgando sua prática e corrigindo-a.

[...] O objetivo último da Revisão de Vida é transformar a história, superar a consciência ingênua das coisas, a fim de chegar a uma consciência crítica e objetiva da realidade para, depois, tomar decisões adequadas, com espírito crítico, reconhecendo a realidade injusta na qual vivemos.

Quando estes momentos acontecem, em minha opinião, surge e se acrescenta mais uma palavra ao método: *Sonhar*.

Sonhar faz parte da identidade do ser humano, que busca alcançar realizar seu projeto de vida, participando na missão da Igreja e da transformação da sociedade; aderindo à Comunidade Eclesial de Base; anunciando Jesus de Nazaré e aderindo à sua pedagogia e prática libertadora e se preciso for, assumindo todos os riscos até o fim, sendo testemunha do Reino.

Foi o sonho de uma pastoral libertadora inspirada em Medellín e Puebla que fez com que a PJ se tornasse a pastoral social que ela é hoje em dia. Ela desenvolveu um modelo de evangelização que se tornou hegemônico, hoje não é mais, e ela precisou se adaptar ao pluralismo religioso e cultural em que vivemos. Contudo, ela mantém sua identidade.

3. MEMÓRIA, COMPROMISSO E ATUALIZAÇÃO DE UM SONHO

Sonhar não custa nada, ou quase nada; já diria um famoso e vencedor samba-enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel de 1992; ano da primeira Campanha da Fraternidade sobre a Juventude: *Juventude: Caminho Aberto!* Sonhar faz parte da vida da juventude. Quando a juventude perde a capacidade de sonhar, perde a alegria, a esperança em dias melhores. *Sonhar*, portanto, é a palavra-verbo que completaria o método *Ver-Julgar-Agir-Rever-Celebrar*, pois reinicia todo o processo, possibilitando a quem esteja utilizando-se dele melhorá-lo e não cometer tantos erros no percurso. *Sonhar é a melhor parte do viver!*¹⁶

O CELAM¹⁷ recorda que Deus fez os jovens, na história, portadores de boas notícias para seu povo: Gedeão, Davi, Ester, Jeremias... Maria, escolhida para ser a mãe de Jesus, em que nos deu o que ele é pessoalmente no Evangelho. Jesus de Nazaré chama os jovens para serem os evangelizadores do mundo juvenil, possibilitando situarem suas vidas no processo da história

¹⁶ TAVARES, Emerson Sbardelotti. *Utopia Poética*. São Leopoldo: CEBI, 2007, p.

¹⁷ CELAM. *Pastoral da Juventude – Sim à Civilização do Amor*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987, p. 123.



da salvação, construindo um projeto de vida coerente e pleno. O CELAM incentiva o jovem a ser evangelizador do jovem; a despertar novas lideranças proféticas; a ter um claro projeto de libertação; a fazer e renovar sempre a opção pelos pobres e pelos jovens; a ter fome de Deus, mas nunca de pão.

Manter viva a memória, é garantir novos frutos, tudo o que foi dito pelas gerações que nos antecederam e que colocaram em prática os ensinamentos do Concílio Vaticano II, das Conferências de Medellín e de Puebla, podem e devem ser revisitados e colocados em prática. Não há tempo ruim para se visitar as fontes.

Jorge Boran¹⁸ afirma que todo grupo humano possui uma memória coletiva que influi no seu comportamento. É importante trabalhar a memória para que seja força de identidade e motivação. Somente mantendo viva a memória é que se evitará um empobrecimento e a deformação de sua identidade cultural, política, social e religiosa. Fazer memória é avançar com segurança do presente para o futuro. Não se pode trabalhar com jovens sem conhecer a história do trabalho da Igreja nesse campo. Uma PJ sem memória não tem identidade e está condenada a repetir os erros do passado. A memória histórica fortalece a identidade da PJ, fazendo crescer o espírito de solidariedade e fraternidade, fazendo crescer o espírito de justiça e misericórdia entre os jovens. Não há solidariedade, fraternidade e misericórdia que não sejam conseguidas por causa da luta por justiça. Uma PJ profética nunca abandona a luta por justiça. Pois é a defesa da justiça que mantêm vivo um povo!

José Comblin¹⁹ diz que:

O Concílio Vaticano II teve a coragem de pronunciar a palavra “justiça” – palavra proibida pelas elites dominantes na América Latina e no mundo inteiro. Também Medellín pronunciou essa palavra proibida! O centro da mensagem profética na América Latina foi a palavra justiça. Muitos morreram por terem pronunciado tal palavra. A palavra justiça é uma das palavras-chave da profecia. Por isso podemos reconhecer em Medellín uma expressão do Espírito de profecia.

O que os pobres esperam é a justiça. Mesmo quando são humilhados pelo sistema – contentando-se com as esmolas que lhes são concedidas – eles não deixam de ser seres humanos com todos os direitos que isso comporta. Têm direito à justiça – e o profeta tem a missão de lembrar que essa é a vontade de Deus. Aos pobres o profeta lembra que são seres humanos com direito à justiça e aos privilegiados recorda que onde há injustiça é a justiça que deve existir. Por isso os profetas foram perseguidos.

[...] Profetas não têm forças para construir uma nova sociedade. Mas a sua missão consistirá em despertar, fortalecer e animar os povos silenciados.

[...] Os profetas estão no meio de nós. Provavelmente são jovens, pois ainda não apareceram publicamente.

¹⁸ BORAN, Jorge. **O Futuro tem nome: Juventude – sugestões práticas para trabalhar com jovens**. São Paulo: Paulinas, 1994, p. 17-19.

¹⁹ COMBLIN, José. **A Profecia na Igreja**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2009, p. 9; 272.



Marcelo Barros me disse certa vez que aos jovens D. Helder Camara dizia assim: “*Aos jovens sempre digo: cultivem visão planetária e coração universal. Deixem operar dentro de vós o milagre de serdes violentos como os profetas, exigentes como Jesus Cristo, revolucionários como o Evangelho, sem ferir o amor*”. Acredito que a PJ tem levado muito à sério estas palavras do Dom da Paz, e a partir delas tem colocado em prática muitos sonhos. Pois como bem dizia José Comblin²⁰: “*os profetas sempre apareceram como pessoas livres. Totalmente dedicados à sua missão, totalmente dedicados aos pobres e totalmente independentes dos poderes humanos. Foram perseguidos pelos poderosos da sociedade e às vezes pelas autoridades da Igreja. Os profetas estão no meio de nós. Provavelmente são jovens, pois ainda não apareceram publicamente. Virão para tirar a Igreja da sua letargia – pois a Igreja ainda não sabe como se emancipar do poder do dinheiro, que tudo invade*”.

Para Edward Neves M. B. Guimarães²¹, o ser humano é, simultaneamente, indivíduo e sociedade. Mostra-se capaz de se tornar sujeito da própria história, mas, ao mesmo tempo, recebe forte influência do meio em que vive, onde é reconhecido e se reconhece e no qual estabelece relações afetivas, sociais, políticas, econômicas e religiosas. Nesse contexto de desafios, desejamos apresentar a fé e a esperança como dimensões estruturantes da vida humana. Sem elas, a dinâmica da vida fica comprometida, pois a pessoa tende a perder, no processo histórico, a visão prospectiva, bem como a claudicar diante do peso das dificuldades. Sem elas, facilmente o ser humano cede ante a tentação do saudosismo – quando idealiza as coisas e deseja voltar a determinado passado a enfrentar as dificuldades presentes – ou do “presentismo” – quando cultiva o hábito de apostar todas as fichas, frequentemente de modo imaturo, na vivência do aqui e agora, de forma desconectada de qualquer previsão ou compromisso com o planejamento do futuro. O tempo da juventude é, geralmente, marcado pela intensidade, pelo ímpeto e por uma ansiedade natural em conseguir realizar os desejos. Por isso, aprender a ser confiante e a esperar mostra-se ferramenta fundamental na difícil arte de conquistar a maturidade: aprender a ter paciência, saber esperar e lidar com o tempo, com os sentimentos e as emoções próprias e dos outros. Tão importante quanto conhecer o funcionamento, os limites e as possibilidades do corpo humano é conhecer sua estrutura interior. Conhecer alguém com certa profundidade exige saber lidar com a tensão entre confiança e desconfiança e, sobretudo, com o tempo de cada um.

Eu tive a oportunidade de viver o período em que os Estudos da CNBB 44 foram sendo divulgados no Brasil, e também de todos os outros Estudos e Documentos que a respeito da juventude foram feitos. Manter viva a memória destes Estudos, este em especial, é garantir um acesso direto ao início da caminhada da PJ no Brasil. Revisitar estes Estudos pode ajudar os inúmeros grupos de jovens da PJ espalhados por tantas Comunidades Eclesiais de Base, nas paróquias e dioceses do país, a conhecerem um pouco mais o início, a organização, o fortalecimento de uma identidade pejoiteira. Há intuições apontadas ali que permanecem válidas e que não foram ainda realizadas com plenitude. Espero que sejam em breve.

²⁰ Cf. COMBLIN, José. **A Profecia na Igreja**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2009, p. 286.

²¹ Cf. BEOZZO, José Oscar. FRANCO, Cecília Bernardete. (Orgs.). **Juventude e Relações Afetivas**. Curso de Verão Ano XXVIII. São Paulo: Paulus, 2014, p. 77 – 78; 80.



CONCLUSÃO

Revisitar os Estudos da CNBB 44 – *Pastoral da Juventude no Brasil* – 30 anos depois, é acreditar em toda a caminhada percorrida, semeando muitas vezes em terra cheia de pedras, acreditando nas mãos de quem plantou, se emocionando ao ver a beleza nas *árvores* que nasceram e deram frutos; na verdade ainda estão dando bons frutos, muitas vezes sem adubo e cuidado. É preciso cuidar para que se possa sempre dar flor e fruto, como diz a canção do Milton Nascimento e do Fernando Brant.

Reestudar os Estudos da CNBB 44 – *Pastoral da Juventude no Brasil* – 30 anos depois, é entender a opção clara e radical feita pelos pobres e principalmente pelos jovens no seguimento à Jesus de Nazaré. É manter vivo o caráter dialogal, fraterno, democrático e pluralista, promovendo a participação responsável de todos, desde o grupo de base até a coordenação nacional da PJ, com quem está dentro e fora da estrutura.

É preciso avaliar continuamente a metodologia e o conteúdo da mensagem que está sendo enviada para cada jovem nos diversos grupos de base, em todas as paróquias e dioceses brasileiras, a fim de que seja de fato uma resposta libertadora e transformadora da realidade em que está inserida a juventude.

Não ter medo de conhecer, aprofundar e se apoderar da Teologia da Libertação. Ela é teologia da Igreja, de uma Igreja dos Pobres que na América Latina e no Caribe germinou a partir de Medellín. É preciso reler Medellín, que completará em 2018, 50 anos. Ler com os olhos dos pobres e de Deus o que aquelas conclusões ainda hoje podem dizer para os grupos de base da PJ.

Praticar a Opção pelos Pobres e a Opção pelos Jovens, atualizando-as na vida de cada jovem hoje!

Lembrar o que diz o número 129 dos Estudos da CNBB 44: “*A juventude será força de renovação da Igreja e da sociedade na medida em que se integrar com outros setores, mesmo não-eclesiais, que visem promover os valores do Reino de Deus*”.

Reassumir com maior entusiasmo os eixos que norteiam a PJ: 1. Formação; 2. Ação; 3. Espiritualidade; 4. Articulação. Para a PJ²², a formação visa desencadear um processo formativo que integre a ação pastoral com base em uma organização que torne os jovens protagonistas da sua caminhada levando-os a vivenciar uma espiritualidade mais encarnada. As ações da PJ são desenvolvidas nas comunidades, paróquias, dioceses e regionais; descobrindo o valor das parcerias com as Equipes de Crisma, Pastoral Vocacional, Juventude Missionária, outras Pastorais Sociais e as CEBS. Cada vez mais os jovens se inserem nos espaços políticos e se organizam em redes. A Bíblia, a Liturgia e os Sacramentos são fontes inesgotáveis do Mistério de Deus. A PJ tem favorecido espaços para a formação bíblico-litúrgica, missas da juventude, romarias, caminhadas, ofício divino. Reconhecidamente, a PJ é uma das pastorais mais organizadas do país. E árvore que dá muitos bons frutos leva pedrada de todos os cantos!

²² PASTORAL DA JUVENTUDE. *Somos Igreja Jovem – Pastoral da Juventude: um jeito de ser e fazer*. Brasília: Pastoral da Juventude, 2012, p. 70-71.



A história não se repete. Ela evolui. O importante é que o jovem aprenda a viver com imensa alegria e vontade todos os momentos oferecidos, celebrando cada conquista, cada vitória e também cada tropeço e derrota. Sem nunca esquecer para onde se está caminhando:

Queremos despertar os jovens para a pessoa e a proposta de Jesus Cristo e desenvolver com eles um processo global de formação baseado na fé, para formar líderes capacitados para agir na comunidade, atuar na própria PJ, em outros ministérios da Igreja e em seu meio específico, comprometidos com a libertação integral do ser humano e da sociedade, levando uma vida de comunhão e participação, de modo que contribuam concretamente com a construção da Civilização do Amor.

Trinta anos depois dos Estudos da CNBB 44 – *Pastoral da Juventude no Brasil*, continua atual em muitos aspectos, o principal deles: a profecia. A PJ é a maior escola de formação de profetas e profetisas do Reino que a Igreja possui. E disso ela não pode abrir mão.

BIBLIOGRAFIA

- BEOZZO, José Oscar. FRANCO. Cecília Bernardete. (Orgs.). **Juventude e Relações Afetivas**. Curso de Verão Ano XXVIII. São Paulo: Paulus, 2014.
- BORAN, Jorge. **O Futuro tem nome: Juventude – sugestões práticas para trabalhar com jovens**. São Paulo: Paulinas, 1994.
- CELAM. **Pastoral da Juventude – Sim à Civilização do Amor**. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- CNBB. **Evangelização da Juventude – Desafios e perspectivas pastorais**. Coleção Documentos da CNBB número 85. São Paulo: Paulinas, 2007.
- _____. **Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil**. Coleção Estudos da CNBB número 76. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1998.
- _____. **Pastoral da Juventude no Brasil**. Coleção Estudos da CNBB número 44. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.
- COMBLIN, José. **A Profecia na Igreja**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- FRANCISCO. **Mensagem à juventude reunida no XI Encontro Nacional da Pastoral da Juventude em Manaus, Amazonas**. Disponível em: <http://www.pj.org.br/blog/enpj-recebe-carta-papa-francisco/>. Acesso em: 07 out. 2016.
- PASTORAL DA JUVENTUDE. **Somos Igreja Jovem – Pastoral da Juventude: um jeito de ser e fazer**. Brasília: Pastoral da Juventude, 2012.
- SBARDELOTTI, Emerson. **Mística e Espiritualidade Pejoteira**. Brejo: Pastoral da Juventude, 2016.
- SOFIATI, Flávio Munhoz. **Juventude Católica – O novo discurso da Teologia da Libertação**. São Carlos: EduFSCar, 2012.
- TAVARES, Emerson Sbardelotti. **Utopia Poética**. São Leopoldo: CEBI, 2007.

Recebido em: 20/10/2016
Aprovado em: 30/05/2017